

Recensão da obra *Hotel Costa Atlantis. Una historia de nunca acabar* de Tomás Fernández García

Book Review: *Hotel Costa Atlantis. Una historia de nunca acabar*, by Tomás Fernández García

Laura Ponce de León Romero¹

DOI: https://doi.org/10.60543/ts_iss.vi10.11609

Recebido: 28 de junho de 2026

Revisto: 2 de julho de 2026

Aceite: 16 de julho de 2026

Publicado: 31 de julho de 2026

Fernández García, T. (2026). *Hotel Costa Atlantis. Una historia de nunca acabar*. Ehquidad Editorial. 116 pp. ISBN: 979-13-992433-0-7. DOI: 10.15257/ehquidad.relatos.2026.116

A obra *Hotel Costa Atlantis. Una historia de nunca acabar*, do professor de serviço social Tomás Fernández García - autor de mais de vinte livros sobre o Estado-Providência, os serviços sociais e a intervenção do serviço social - é formalmente apresentada como um conto, embora transcenda os limites do género ao tornar-se uma obra narrativa e lírica. Neste sentido, o texto pertence a uma tradição que privilegia a observação do quotidiano como forma de aceder a problemas éticos e sociais mais vastos, afastando-se de estruturas centradas no conflito para desenvolver uma poética da atenção, onde os mais pequenos gestos adquirem um peso significativo. Esta história narra a experiência de dois viajantes num hotel em Tenerife ao longo de vários anos, em cujas estadias repetidas se constrói um universo de experiências vitais e emocionais partilhadas entre os hóspedes e o pessoal do hotel.

¹ Professora titular da Facultad da Derecho da Universidad Nacional de Educación a Distancia, Espanha
ORCID 000-0003-4320-2043
E-mail: lponce@der.uned.es

Um dos temas fundamentais da obra é a dignificação do trabalho invisível. O hotel, espaço central da narrativa, funciona como um microcosmo social no qual entram em jogo relações de cuidado, hierarquias de trabalho e dinâmicas de reconhecimento. Nesta perspectiva, o livro envolve-se implicitamente com a ética do cuidado, posicionando a atenção ao outro como princípio organizador da experiência humana. Um dos maiores méritos do texto reside na sua capacidade de dignificar o invisível: gerentes, recepcionistas, empregados de mesa, pessoal de limpeza, trabalhadores da manutenção e da cozinha não surgem como figuras secundárias, mas como verdadeiros protagonistas éticos da narrativa; não como figuras funcionais, mas como profissionais numa prática baseada na responsabilidade, na empatia e na convivência. Do ponto de vista formal, a obra apresenta uma prosa sustentada por descrições e um ritmo deliberadamente tranquilo. Esta escolha estilística não é meramente estética, mas reforça o conteúdo: a lentidão torna-se uma condição de possibilidade para a percepção e o reconhecimento. Neste sentido, pode-se traçar um paralelo com as reflexões de Henri Lefebvre (1968) sobre a vida quotidiana, para quem o ordinário constitui um espaço privilegiado para a produção de sentido.

Da mesma forma, introduz-nos uma dimensão sociológica que transcende a experiência individual dos protagonistas. Através das histórias dos trabalhadores, muitos deles migrantes, são abordadas questões como a deslocação, a mobilidade e a construção de identidades em contextos de trânsito. Estes temas podem ser interpretados à luz das ideias de Zygmunt Bauman (2000) sobre a "modernidade líquida", onde os laços se tornam frágeis e os pertences instáveis. Em contraste, o hotel surge como um local onde a natureza efémera do turismo é contrabalançada pelas relações humanas. Isto pode ser observado na atitude da maioria dos turistas quando chegam para passar férias no hotel: quase nada fica na memória, como, por exemplo, os laços com a pessoa que os atendeu na recepção, com quem serviu o café ou com quem fez a cama... tudo parece ser para uso imediato e consumo rápido, e nada fica... daí a necessidade deste livro, pois o hotel deixa de ser algo líquido e passa a ser um lar.

Outro aspeto relevante é a reflexão implícita sobre a escuta e a comunicação. O texto justapõe cenas de falta de comunicação - diálogos paelos, desatenção - com momentos de ligação genuína, sublinhando que o sentimento de pertença depende não só da localização, mas da qualidade da relação com o outro. Esta dimensão conecta-se com abordagens

contemporâneas que entendem a identidade como um processo construído através da interação.

Em termos estruturais, a evolução dos protagonistas não se articula através de grandes transformações narrativas, mas antes através de um processo gradual de reconhecimento. Neste sentido, a viagem funciona como um mecanismo que permite a deslocação não só geográfica, mas também emocional e ética.

Em suma, *Hotel Costa Atlantis. Una historia de nunca acabar* oferece uma narrativa que, partindo do formato de conto, se expande para uma obra de notável sensibilidade, capaz de articular, a partir da aparente simplicidade do quotidiano, uma reflexão complexa sobre o cuidado, o trabalho e a condição contemporânea. O seu valor reside na capacidade de combinar uma perspetiva crítica com uma profunda humanidade, convidando-nos a reconsiderar os espaços comuns como palcos onde a possibilidade de uma convivência mais significativa atua silenciosamente.

Esta história transforma o que parecia uma simples viagem numa profunda troca de experiências de vida e emoções. As lições aprendidas com este encontro transformam positivamente a vida das personagens e realçam as deficiências que enfrentamos enquanto sociedade, ao mesmo tempo que oferecem algumas soluções para as resolver.

Referências bibliográficas

Bauman, Z. (2000). *Liquid Modernity*. Camdridge, Polity.

Henri Lefebvre (1968). *Le droit à la ville*. Paris, Anthropos.